

Família, Gênero e Juventude: Sobre o Processo de Individuação de Jovens de Camadas Médias e Relações de Reciprocidade entre as Gerações

*Flávia Maria Silva Rieth*¹
*Fabíola Mattos Pereira*²

RESUMO: Atenta-se para o modo como a vida é periodizada entre jovens de camadas médias do interior, considerando, o prolongamento da juventude e as relações de reciprocidade entre as gerações na família. A juventude é aqui percebida como um *processo* que se delinea a partir das carreiras: escolar - profissional e familiar – conjugal que configuram as experiências de aquisição dos valores da maturidade, ou seja, de individuação dos sujeitos de camadas médias. Retomou-se o contato com os jovens investigados na pesquisa *Sexo, Amor e Moralidade* (RIETH, 2001), sendo entrevistados vinte jovens, 10 homens e 10 mulheres entre 19 e 32 anos. A emancipação do sujeito frente à família de origem e, conseqüentemente a manutenção de relacionamentos conjugais assume diferenças de gênero. Observa-se o quanto a passagem do tempo impõe a reciprocidade entre as gerações no interior da família, em que as jovens se orientam mais pela relação com a família de origem e os rapazes pela ética do provedor.

Palavras-chave: *Família, Gênero, Juventude.*

ABSTRACT: It is called the attention to the way life is prioritized between youngsters of countryside medium social strata, considering, youth prolongation and the relations of reciprocity between the generations in the family. Youth is perceived here as a process which it is outlined from the careers: school- professional and family related – marital which configure the experiences of acquisition of maturity values, that is, of individualization of subjects of medium social strata. It has been resumed the contact with youngsters investigated in the research *Sex, Love and Morality* (RIETH, 2001), 20 youngsters were interviewed, 10 men and 10

¹ Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS), Brasil. Professora Adjunta do Departamento de História e Antropologia vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (ICH-UFPEL), Brasil.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (PPGCS-UFPEL), Brasil.

women aged between 19 and 32. The emancipation of the subject before the family of origin and, consequently the maintenance of marital relationships assumes differences of genders. It is observed how much the passage of time imposes the reciprocity between the generations inside the family, in which the female youngsters orient themselves more by the relation with the family of origin and male youngsters by the provider's ethics.

Key-works: *Family, Gender, Youth.*

Introdução

O presente artigo é resultado de uma investigação etnográfica entre jovens de camadas médias do interior. O ponto de partida para a referida investigação foi a pesquisa de doutorado "Sexo, amor e moralidade: A iniciação na juventude de mulheres e homens, Pelotas (RS)" (RIETH, 2001), que versava sobre as formas de associação entre os jovens, sendo o ficar e o namorar suas formas de expressão. Assim, o estudo atual objetivou dar continuidade a mesma enfatizando-se o modo como a vida é periodizada entre aqueles jovens que haviam participado da investigação anterior. O prolongamento da juventude é observado por Bozon (1997) no contexto dos últimos 30 anos na sociedade francesa. Conforme o autor, este fato se deve ao aumento dos anos de escola, do desenvolvimento do domínio da fecundidade, bem como do desemprego e trabalho precário entre jovens, resultando em uma diferenciação das categorias da adolescência e da juventude, etapas que se confundiam na primeira metade do século XX.

A juventude é aqui percebida como um *processo* que se delinea a partir das carreiras: escolar-profissional e familiar-conjugal que configuram as experiências de aquisição dos valores da maturidade, ou seja, de individuação dos sujeitos de camadas médias. Na contemporaneidade, observa-se que esta idade da vida

se apresenta como uma etapa de formação moral e intelectual (ARIÈS, 1978) em que a formação escolar se impõe face o ingresso do jovem no mercado de trabalho em condições favoráveis. Este aspecto possibilita a emancipação do sujeito frente à família de origem e, conseqüentemente a manutenção de relacionamentos conjugais. Bozon (1997), no entanto, critica a linearidade deste modelo, apontando para desincronização destas experiências, indo ao encontro do que será apresentado nas trajetórias aqui delineadas.

A nova aproximação com os sujeitos investigados na pesquisa realizada em 2001 apontou que a distinção entre a adolescência e juventude é acionada pelos jovens. Na *época da adolescência*, frase recorrente utilizada estrategicamente pelos interlocutores para se referirem às memórias do período anterior de suas trajetórias, a maioria dos jovens encontrava-se no ensino médio, em uma escola de formação técnica³. A relação entre ensino médio e técnico já se apresentava como uma estratégia de reprodução social de famílias de camadas médias que se potencializava aliada ao projeto de formação superior. O único compromisso efetivo dos jovens era com o estudo, o que disciplinava o cotidiano e demarcava a adesão destes sujeitos ao ethos produtivo, e as experiências amorosas, sensíveis, eram incitadas como uma dimensão de conhecimento de si.

Nestes termos, para remontar as histórias de vida dos sujeitos investigados a partir do *tempo de adolescência*, buscou-se relembrar os projetos de vida e traçar as continuidades e descontinuidades vivenciadas neste processo. Na realização dos encontros, a transcrição das entrevistas anteriores era mostrada aos jovens. O *estranhamento* de ler seu depoimento sobre as experiências de vida e os projetos vislumbrados, em que se identificava o relato de um tempo já vivido, observando-se as

³ A partir do ano de 1999, a Escola Técnica Federal de Pelotas – ETFPel se transforma em Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET / RS. Para efeito de pesquisa, utiliza-se os termos Escola, ainda bastante usual entre os ex-alunos e CEFET.

mudanças ou continuidades de pontos de vista, se traduzia em riso. Outros, somente passavam os olhos no diálogo escrito, como se importante fosse discutir os projetos de agora, do *tempo da juventude*. Os encontros, de modo geral, assumiram um *tom* de avaliação do presente. As lembranças, os objetos de memória – fotos, bilhetes, ursos de pelúcia, agendas, medalhas – quando guardados, encontravam-se na casa dos pais.

A pergunta sobre como foram reencontrados, já que houve mudanças de endereço, de telefone, de cidade se repetiu. Oportunidade de falarmos dos desencontros, geralmente, em razão da oferta de emprego fora de Pelotas, mas também de registrar a importância da rede familiar e de vizinhança nesta busca pelos sujeitos investigados, principalmente em uma cidade do interior. No caso de o endereço dos pais ter permanecido o mesmo, conseguimos com facilidade as informações atuais sobre os entrevistados: telefone, novo endereço ou notícias dos jovens que não moram mais em Pelotas. Felipe⁴ está trabalhando em Salvador e Cristóvam trabalha, e está por se casar, em São Paulo. Noutros casos, ao voltarmos às residências, era comum encontrarmos um vizinho que tinha alguma notícia. Magda se casou e atualmente mora em Santa Catarina e Dulce está trabalhando em Curitiba.

Foram entrevistados vinte jovens, 10 homens e 10 mulheres entre 19 e 32 anos. No universo masculino, somente três dos entrevistados não participaram da pesquisa anterior, um deles é Matheus que além de nos fornecer notícias de Felipe, seu irmão, interessou-se em participar da pesquisa. Os outros dois foram indicados por Diego, desse modo observamos a continuidade do critério de rede. Da mesma forma, no universo feminino, foram três casos, Sabrina, Dora e Lisiane, foram indicadas por Sofia.

A seguir as trajetórias dos jovens investigados são apresentadas a partir da passagem da adolescência para a

⁴ Nomes fictícios.

juventude, em que se evidencia a gramática de gênero como produtora das diferenças. Neste processo de aquisição de valores da maturidade, atenta-se para a relação travada entre os jovens com a família de origem, acionada a lógica de reciprocidade entre as gerações.

Na lógica da reciprocidade, Marcel Mauss (1974) pontua que a retribuição face um presente recebido é algo crucial para a continuidade e fortalecimento das relações sociais. Alain Caillé (2002) analisando as sociedades modernas segundo as contribuições apresentadas pelo próprio Mauss, interpreta a lógica do dar, receber e retribuir procurando nela elementos para a construção de um novo paradigma para as Ciências Sociais, o paradigma do dom. Para Mauss (1974):

“Em primeiro lugar, não são os indivíduos, e sim coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; as pessoas presentes no contrato são pessoas morais [...] Ademais, o que trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas economicamente úteis. Trata-se, antes de tudo, de gentilezas, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato mais geral e mais permanente. Enfim, essas prestações e contra-prestações são feitas de uma forma sobretudo voluntária, porá presentes, regalos, embora sejam, no fundo, rigorosamente obrigatórias” (MAUSS, 1974)

O dar, o receber e o retribuir constitui-se assim na tríplice obrigação que deve ser observada por aqueles que se dispõem participar de determinadas relações sociais e aprofundar vínculos sociais baseados na confiança e na expectativa de resposta do

outro. É pela demonstração do interesse público de solidificar determinadas relações, que a reciprocidade é percebida como elemento essencial na configuração da manutenção dos vínculos familiares. “A obrigação de dar não é menos importante [...] recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 1974).

Assim, os valores adquiridos com a maturidade implicam na realização de determinadas expectativas provenientes da família de origem, em que a retribuição esperada para homens e mulheres apresentam-se atravessadas pelas expectativas de gênero.

Trajetórias femininas: família de origem, casamento e passagem para a maturidade

- Vanessa, 23 anos, prestou vestibular por dois anos seguidos para medicina, mas não passou. Fez cursinho pré-vestibular e, no mesmo período, fez formação técnica em enfermagem. Depois de formada, em seguida, conseguiu emprego. Conheceu Samuel, 23 anos, seu atual marido, no cursinho. Namoraram pouco tempo e foram morar juntos, no andar de baixo da casa dos pais dela. A primeira relação sexual foi depois de um mês de namoro com Samuel: *“Eu pensava assim que ia ser com aquele meu namorado (o anterior a Samuel) porque a gente tava namorando meio serinho. Mas eu tinha falado que eu era virgem e eu acho que ele ficou com medo. Eu acho que ele também era, então ficou os dois meio assim. Eu até que queria que naquela época acontecesse. Porque no início, tinha um tempo atrás que eu não me sentia preparada (...) Ah, com esses guris que eu fico, no colégio, eu não quero que seja porque amanhã eles vão tá contando (...) não, vai ser com uma pessoa que eu vou tá namorando. Vai ser com uma pessoa legal”*. Vanessa e o marido se

mudaram faz um ano para o apartamento que estão comprando. Estão juntos há cinco anos, casaram-se no civil. Ela trabalha em dois hospitais na cidade como instrumentadora cirúrgica. Samuel é vendedor. Ela pretende voltar a estudar, fazer faculdade de psicologia e terminar o inglês que cursava durante o segundo grau. Ao falar das mudanças que ocorreram nos seus projetos cita a independência financeira e *“mais que aconteceu foi ter conhecido ele”*.

- Inês, 26 anos, formou-se bacharel em direito pela UCPel em 2003. No ano de 2004, foi morar em Porto Alegre a fim de se preparar para concorrer à AJURIS, porém devido à doença da mãe, e por não ter como se manter na cidade, resolveu voltar para Pelotas. Ainda em 2004, obteve aprovação no Exame da OAB. Em 2005, por indicação de sua mãe, inicia a trabalhar em um colégio particular, na parte administrativa, não desempenhando sua formação acadêmica. Foi nesta escola que realizou o ensino fundamental e médio. Namora há sete anos o mesmo rapaz, com quem reside a cinco meses em um apartamento na cidade de Pelotas. Neste período de sete anos, teve dois relacionamentos eventuais: com um antigo parceiro e com um colega, quando ainda estava em Porto Alegre. Fez um aborto.

- Jaqueline, 23 anos, terminou a Escola e permaneceu dois anos desempregada, conseguiu um estágio em Santa Catarina. Nesse período, fez vestibular na UFPEL e na FURG, mas não passou. Foi para Florianópolis com o namorado: *“Eu tive um relacionamento de quatro anos, foi bem destrutivo, não foi legal. Porque ele não pensava do mesmo modo que eu ... então, a gente foi embora junto. Eu pensava, até então, que tinha a possibilidade de conseguir construir alguma coisa juntos, porque aqui a gente morava com os pais ainda e era muita gente se intrometendo (...) Acho que aí, na medida em que fui aprendendo, morando sozinha, eu fui vendo que não tinha nada a ver um com o outro. Ele nem terminou o segundo grau. Hoje em dia ele trabalha em uma sorveteria, pra ele tá bom.”* Jaqueline retornou para Pelotas, segundo ela, por razões familiares

e por ter conseguido um bom emprego em uma grande empresa da iniciativa privada. Está ficando com Jairo, 21 anos. Pretende voltar a estudar, não sabe qual curso fazer: psicologia, serviço social ou medicina. Voltou a morar com a família.

- Márcia, 22 anos, formou-se em química no CEFET e começou a trabalhar. O pai adoeceu e a família enfrentou problemas financeiros. Pretendia cursar engenharia química ou química de alimentos na universidade, mas estes cursos não são oferecidos à noite. Ingressou, no CEFET, no curso de tecnologia ambiental. Está noiva e não quer se casar sem se formar. Não pretende sair de Pelotas, pois *“não penso mais em ir embora, com o tempo tu vais amadurecendo, tu vais vendo os valores que tu antes não via. Eu acho que eu tenho um laço muito importante nessa relação (com a família)”*. Diz não esquecer uma antiga paixão, colega da Escola: *“A gente tava namorando uns dois anos e eu comecei a chorar e eu disse pra ele que eu não conseguia esquecer. Ele ficou desesperado, mas eu vou fazer tu esquecer ele, mas eu não vou conseguir... e aos poucos foi passando. Foi uma coisa que marcou muito”*. O noivo mora com um amigo, Márcia frequenta a casa, mas diz que não mora com ele porque os pais não iriam gostar.

- Luciana, 27 anos, reside com a mãe, o irmão e a prima. Cursa serviço social na UCPel, está no 2º semestre do curso. Trabalha no escritório de contabilidade de uma tia. Formou-se em eletrônica pelo CEFET, porém não realizou o estágio obrigatório, o que não lhe possibilita exercer a profissão. No mesmo ano em que saiu da Escola, prestou vestibular na UFPel para o curso de física tendo sido aprovada. Cursou 02 semestres e desistiu, prestou o exame vestibular para direito na UFPel e administração na FURG. Considera que sua vida mudou radicalmente nos últimos dois anos, ao ingressar no mercado de trabalho e no curso de serviço social. Tem um namorado há dez anos, que mora e trabalha em Rio Grande, o que acaba por distanciá-los. Luciana diz que agora está priorizando sua vida e seu trabalho. Fez um aborto, cujo pai era esse namorado.

Com sua renda mantém-se na faculdade, enquanto seu pai, separado da mãe, paga a faculdade do irmão.

- Mônica, 29 anos, estudava telecomunicações na Escola, mas não realizou o estágio, não tendo concluído o ensino técnico. No último ano engravidou: *“Como eu era maior, 19 anos, e já me sentia mais responsável, eu não atribuí tanta responsabilidade pra ele, 16 anos, eu fiz, eu que vou assumir sozinha”*. Mônica mora com a mãe, duas irmãs, o filho e o sobrinho. Os pais se separaram quando ela cursava o segundo ano do CEFET. Trabalha há nove anos na oficina de carros e motos do pai, realiza serviços de escritório. Depois que o filho nasceu parou de sair: *“Como tinha terminado a minha fase escolar, tu estando estudando tu tens um monte de amigos, tu tens toda aquela história de festinha de colégio, tu junta a gurizada pra ir para a Avenida. Tudo aquilo parou, então foi tudo junto.”* Teve um outro namoro sério, mas o rapaz faleceu em razão de problemas cardíacos. Hoje só fica. Atribui a este relacionamento, que caracteriza como sério, breve e intenso, ter voltado a estudar para oferecer um futuro melhor para o filho, *“parar de ser filha”*. Mônica tem um amigo com quem sai de vez em quando, diz que eles *“têm uma afinidade sexual grande”*. Diz se preocupar, hoje em dia, em ter prazer, procura conhecer melhor o outro, saber quem é.

- Rita, 22 anos, está se formando em Artes na UFPEL. Não trabalha. Pretendia prestar o vestibular para arquitetura logo que terminou a Escola, mas considerou o vestibular muito competitivo, tendo escolhido um curso mais fácil. Conheceu o namorado na universidade, este é o seu primeiro relacionamento mais sério: *“Quando eu tava na Escola eu era muito tímida, eu ainda não tinha me encontrado com as pessoas... Quando eu entrei na universidade eu encontrei pessoas mais parecidas comigo que gostavam das mesmas coisas”*. Já teve relações sexuais. Tem como projeto fazer um concurso, conseguir um emprego e posteriormente fazer um curso de mestrado em artes. Pretende sair de Pelotas, ir para Porto Alegre, morar com a avó, porque na capital as oportunidades de colocação profissional são maiores.

• Sofia, 26 anos, mora com duas amigas há dois anos. O pai não aceitou sua saída. Trabalha em casa, presta serviços de programação visual e informática. Faz o curso técnico de enfermagem, tem uma bolsa de estudos. Realiza trabalhos comunitários. Sofia não concluiu o CEFET, trocou de escola e se formou em contabilidade. Projetos: *“nunca pensei trabalhar de empregada”*, pretende cursar assistência social na universidade. Terminou um relacionamento que seus pais aprovavam. As famílias se davam e o rapaz insistiu para noivarem. Aos 18 anos, teve outra relação que terminou porque as famílias não se davam. Atualmente está sozinha: *“eu acho que não tem espaço para relação. Não deu certo, eu dou as costas e vou embora”*. Com a saída da casa dos pais assumiu aluguel, contas de água e luz ... considera que está mais madura e que *“assumir uma relação hoje em dia é mais complicado, não só pela questão financeira, trabalho, tu não tem tempo”*.

• Carla, 26 anos, trabalha como técnica em eletrônica há cinco anos e está cursando ecologia em uma universidade particular em Pelotas. Realizou estágios em Rio Grande – cidade próxima de Pelotas – e São Leopoldo – situada na região metropolitana de Porto Alegre. Casou-se com Augusto, aos 23 anos, e se separou aos 24. Mora sozinha. Diz ter amadurecido: *“Primeiro foi eu me formar na Escola, foi o que me deu chance de hoje estar num emprego que me permite eu me manter. Porque tenho uma profissão, igual não seja o que eu quero, tanto é que eu não quis continuar nessa área da eletrônica, o que eu faço eu gosto. Mas eu acho que foi assim pra me dar à oportunidade de agora. O casamento me fez crescer bastante, não deu certo. Tu apanha no durante e no depois, porque daí a coisa... Tu já não tá em casa e tu é sozinha, tu tem que te virá pra tudo. Tu tá na faculdade, às vezes dá um desespero, mas eu sei que é um investimento”*. Recomeçou a sair depois da separação. Ficou algumas vezes, mas nada sério, atualmente está tendo um relacionamento que já dura dois meses. Pretende ter casa,

constituir família. Não quer ter um marido, mas um *namorildo* em que cada um tem a sua casa.

- Dora, 32 anos, voltou a morar com os pais após a separação. Casou-se aos 25 anos com Dirceu, 20 anos mais velho, tiveram dois filhos, uma menina de seis anos e um menino de quatro anos. Depois do nascimento do segundo filho teve depressão pós-parto. Dora perdeu a guarda dos filhos. Coursou edificações e desenho no CEFET, não concluindo nenhum dos dois cursos técnicos: *“naquele tempo eu não levava a sério.”* Terminou o ensino médio por intermédio do supletivo, prestou vestibular para artes visuais, mas não passou. Atualmente faz o curso de técnico de enfermagem. Projetos: *“o que eu pensava antes pra mim (...) hoje eu tô mais pé no chão. Eu tinha medo se eu sáisse, pra onde eu ia ir. Sempre com a minha mãe, meu pai. A minha família me apoiando. Aquela coisa de morar sozinha, ter o meu dinheiro, me sustentar. Hoje eu continuo pensando assim.”* Para ela, o casamento era um complemento desta parte profissional: *“Já tinha namorado bastante, ficado bastante e isso me parecia bem superficial.”* Ele propôs casar, ter filhos e ela continuar estudando e trabalhando. Pretende recuperar a guarda dos filhos, por isso pensa em concluir os estudos e adquirir independência financeira: *“Antes eu queria muitas coisas, mas não conseguia me organizar”.*

Na análise das trajetórias das jovens, sobressai o forte vínculo de dependência com relação à família de origem. Uma relação que se reveste de ambiguidades face o desejo da jovem de se tornar independente do núcleo familiar e à expectativa por parte dos pais do compartilhamento dos problemas familiares. Nota-se que é esperado pela família uma retribuição (MAUSS, 1974), acompanhar pai e mãe em momentos de crise - situações de doença, ou mesmo com “ajuda” financeira – aspecto que se impõe especialmente às filhas. Na lógica da reciprocidade: “a dádiva acarreta necessariamente a noção de crédito.” (MAUSS, 1974). A passagem do tempo se coloca como uma dimensão estratégica para que a retribuição encontre espaço adequado para se construir, no

qual possibilita vivenciar a juventude como processo onde a aquisição dos valores da maturidade pode desenvolver-se.

Inês vai para Porto Alegre, depois de formada, preparar-se para um concurso na área do direito, mas retorna para Pelotas por não conseguir se manter financeiramente e para acompanhar a mãe com problemas de saúde. É aprovada no exame da Ordem dos Advogados, mas só consegue o emprego de secretária em uma escola particular por indicação da mãe. Dois anos depois deste retorno para a casa da família, sai novamente para morar com o namorado em Pelotas.

Márcia trabalha e estuda a noite, em razão da doença do pai, se achou *“no dever de ajudar, de pagar as contas.”* Procurou se independentizar economicamente. Está noiva, mas não quer se casar sem antes se formar. Vincula a saída da casa dos pais ao casamento, em conformidade aos valores familiares.

Já no discurso de Jaqueline aparecem conflitos em relação à família que evidenciam a busca de maior independência da jovem face às intromissões dos pais em seu relacionamento de namoro e a falta de perspectiva de trabalho em Pelotas. A mudança para Florianópolis (SC) é motivada pela oportunidade de emprego, desloca-se para lá com o namorado. Mora um ano e meio fora e retorna para Pelotas pela oportunidade de trabalhar em uma empresa privada, em uma melhor colocação conseguida por indicação de um amigo da família. O namoro terminou. A jovem atribui a sua volta *“à família que envolve muito”*.

Das 10 jovens investigadas, seis delas já saíram da casa da família de origem. Destas, cinco vincularam a saída a relacionamentos afetivos, a casamento ou namoro. Sofia é uma exceção, depois de romper um relacionamento que tinha a aprovação dos pais, vai morar com duas amigas. Investe na colocação de sua micro-empresa no mercado de Pelotas, garantia de independência financeira e individualidade. Saiu de casa brigada

com o pai e continua sofrendo pressões familiares para voltar para casa, mas considera difícil se submeter aos padrões de vida da família de origem. Dá continuidade ao projeto de *trabalhar por conta própria*.

A saída da casa dos pais pode se constituir em um processo passível de retorno, conforme os casos de Inês, Jaqueline e Dora. O término do relacionamento, somado aos problemas de saúde da jovem e as pressões familiares foram os motivos alegados para a volta à casa dos pais.

Entretanto, Carla supõe que a separação está sendo mais difícil para Augusto, seu ex-marido, porque ele voltou a morar com a família de origem. A jovem considera que ter se formado na *Escola* possibilitou sua colocação no mercado de trabalho e, conseqüentemente a independência financeira. Tanto o casamento, como a separação, são fatores apontados como parte do processo de amadurecimento, um *investimento* na individualidade: “*Eu gosto mais de mim hoje, eu sou eu. A gente vai melhorando por experiência*”. Nas mudanças em seus relacionamentos, diz que não existe mais a obrigação de ficar junto, a noção anterior do amor como fusão das individualidades se desgastou; além de cada um ter a sua casa, passou a valorizar mais a *sexualidade, a amizade e o amor*. Defende-se aqui a fusão de individualidades como a forma moderna que a experiência afetiva assume, colocada pelo ideário individualista, em que a aposta no amor romântico como possibilidade primordial de envolvimento, articula a indivisibilidade e liberdade do sujeito com a vivência recíproca de entrega de si mesmo ao outro, onde *conhecer a alma do outro* era evocada como a manifestação ideal da experiência afetiva, promotora da maturidade e do processo de individuação das jovens.

Para Dora, a *complementaridade* entre casamento, filhos e profissão, foi ilusória. No *tempo da adolescência queria muitas coisas*, mas o *tempo da juventude* exige que se organize para alcançar os projetos de recuperar os filhos e trabalhar.

Já Vanessa inicia sua vida de casada morando com os pais. Alcançada a independência financeira – pois ambos trabalham – e oficializado o casamento, o casal investe na autonomia residencial. Em relação aos planos da adolescência, o casamento de Vanessa figura como um acontecimento que ocasionou mudanças em sua vida, valorado positivamente. O casal se constitui como uma individualidade.

A permanência na casa da família de origem está associada à continuidade dos estudos. Rita protela esta saída face o projeto de fazer mestrado em artes, particularmente, em relação às demais, pretende trabalhar na sua área de formação. A saída de Pelotas na busca de uma colocação profissional conta com o suporte familiar, no caso, morar com a avó. E, Luciana, permanece na casa da mãe e trabalha no escritório de contabilidade de uma tia para poder arcar com os custos dos estudos em uma universidade particular.

Neste ponto, acrescentam-se os casos de Inês, Jaqueline e Mônica que, ou trabalham no circuito familiar ou conseguiram emprego por conta da intervenção de um parente ou amigo da família. Casos em que se observa que o emprego não se vincula à área de formação da jovem, indicando a necessidade de independência financeira, mas não deixando de se observar certo controle familiar com relação ao afastamento da filha.

Mônica permanece morando com a mãe e duas irmãs, contando com a família para os cuidados do filho. A jovem não concluiu o ensino médio. A preocupação de oferecer um futuro melhor para seu filho, segundo ela, decorre de um relacionamento maduro em que foi incentivada para deixar de ser filha.

Trajetórias masculinas: projeto profissional, família de procriação e passagem para a maturidade

- Ricardo, 24 anos, ingressou em uma universidade particular, no curso de engenharia civil, logo após se formar no CEFET. Neste mesmo ano, com 19 anos de idade, Ricardo se casa porque a namorada está grávida: *“eu pensava me casar lá pelos 40 anos, na época eu queria curtir tudo. Aconteceu, uma coisa que eu tive na minha personalidade, se eu fiz... se fui homem pra fazer, tenho que ser homem para assumir a minha responsabilidade”*. Saiu da casa dos pais e foi morar com a mulher e o filho. Nestes cinco anos de casamento aconteceram algumas separações, diz ter namorado estando casado: *“ultimamente, de uns dois anos pra cá que não acontece muito”*. Quando estava separado, apresentou umas sete ou oito namoradas para a mãe. Considera que sua vida mudou muito, *“hoje em dia meu filho é tudo, tudo que eu faço é pensando nele, tudo é pra dar para ele. Antes a minha vida era centrada em mim, hoje é centrada nele. Eu amar outra pessoa além de mim... eu não pensava no que queriam, eu fazia o meu”*.
- Sérgio, 28 anos, trabalha como técnico em telefonia e estuda, embora, neste semestre, esteja com a faculdade de engenharia elétrica trancada. Em razão da mudança de emprego, não quis assumir o compromisso do pagamento da universidade particular. Está morando com a noiva, Silvana que tem 24 anos: *“Já tive namorada e tenho um filho de oito anos. Nunca casei, sempre namorei, até as namoradas dormiam na minha casa, alguma coisa assim. Mas casar, casar, não. Essa é a primeira vez. Faz dois anos que a gente tá junto, que eu saí de casa e vim morar com ela”*. Foi pai aos 20 anos, na época não queria. Para Sérgio *“é difícil ter uma pessoa dependendo de mim”*, na medida em que ele ainda não tem estabilidade financeira, ainda está se formando profissionalmente. Namorou três anos Solange, no início da relação ela engravidou. A decisão do aborto partiu dela apoiada pela família. Conta que nas

discussões que tiveram, sua não participação na decisão de interromper a gravidez foi cobrada. Com relação às mudanças em sua vida: *“Naquela época eu vivia pros meus amigos, eu vivia para estar na noite, eu vivia pra sair pra festa (...) amadurecimento, assim, de pensar eu tô com a figura, não vou aprontar e não aprontar mesmo.”* Naquela época, as amizades concorriam com os estudos, Sérgio terminou o ensino médio através de supletivo. Prestou vestibular para a universidade federal, durante três anos consecutivos, mas não obteve classificação. Hoje diz estar mais centrado. Pretende terminar a faculdade, crescer dentro da empresa, adquirir certa estabilidade financeira para formalizar a relação com Silvana.

• Danilo, 23 anos, diz: *“agora eu moro com a minha esposa, não sou casado no cartório nem nada, moro com a minha esposa que a gente já tá há seis anos já. E, até faz duas semanas que a gente tá aqui (apartamento alugado). Moro com ela e morei com ela e com a minha sogra um tempo, sete meses, e antes tava lá no Laranjal (casa da mãe).”* Danilo está cursando educação física na UFPel e a esposa, com 22 anos, é acadêmica de direito também na Universidade Federal. Ela é funcionária pública em uma cidade próxima de Pelotas, ele trabalha desde os 13 anos de idade: foi estagiário em escritório de contabilidade, fez produção de festas, atualmente se dedica à produção de filmes. Depois de concluído o ensino médio, prestou por três anos consecutivos vestibular para medicina. Fez cursinho como bolsista, trabalhando na secretaria do pré-vestibular. Mudou de opção e teve que enfrentar pressões familiares. O ingresso na universidade significou uma vitória, é o primeiro da família a fazer um curso superior – *“Pra mim foi uma coisa que eu abri na minha família”*. A única irmã de Danilo faleceu de câncer aos 17 anos, em 2004. A relação com a mãe – em função da troca de curso, a morte da irmã e sua saída de casa – passou por altos e baixos, considera que foi difícil para ela cortar o cordão umbilical. Ficou quatro anos sem falar com o pai porque, no período

da adolescência, o pai queria que ele o acompanhasse nas “putarias”. A aproximação entre eles se deu com a doença da irmã. Sua primeira relação sexual foi com Lívia, sua esposa, um mês e meio depois de iniciado o namoro, em 1999. Lívia já tinha experiência, havia transado com o namorado anterior. Não usaram camisinha: *“Ela fez exame de saúde e usa remédio: é uma relação de muita confiança”*. Danilo se desfez da lista de *ficantes*, fotos e cartas das gurias. Projeta trabalhar, concluir o curso de educação física, comprar um apartamento, fazer mestrado e doutorado na área.

- Eduardo, 22 anos, concluiu o ensino médio e foi jogar no Internacional, em Porto Alegre. Tinha como projeto jogar futebol profissionalmente. Os pais o acompanharam na mudança de cidade. No período em que jogou em Porto Alegre, cursou um semestre de educação física em uma universidade particular na região metropolitana. *“Tinha muita festa”*, por isso terminou o relacionamento com a namorada de Pelotas. Entre os anos de 2001 e 2003 jogou em um clube de Carlos Barbosa: *“No primeiro ano de Carlos Barbosa eu tive outro relacionamento. Eu acabei traindo ela ... depois fiquei com outras gurias.”* Jogou em Maringá e, atualmente, está em Veranópolis. Mantém um relacionamento de um ano e oito meses com uma jovem de Carlos Barbosa. Mora com um amigo, também atleta. Pretende continuar jogando e fazer a faculdade de educação física para permanecer no meio esportivo. Pretende se casar depois de atingir estabilidade financeira. Os pais voltaram a morar em Pelotas.

- Augusto, 25 anos, se formou no CEFET e foi trabalhar em uma empresa como técnico em eletrônica, em Porto Alegre. Permaneceu neste emprego por dois anos. Neste período, Carla, sua namorada, fazia estágio na região metropolitana de Porto Alegre, moravam praticamente juntos embora cada um tivesse a sua casa. Augusto voltou para Pelotas para continuar os estudos, está cursando engenharia elétrica em uma universidade particular e trabalha com estagiário em uma instituição federal. Aos 23 anos ficou noivo de Carla. Aos 24 se casou, o relacionamento durou um ano e quatro

meses: *“De 98 a 99 eu fui para Porto Alegre trabalhar e ela foi para São Leopoldo, esse período foi ótimo. Em 99 eu voltei pra cá, pra Pelotas, quando eu voltei pra cá e a gente começou a conviver todos os dias, a partir daí começou a ficar ruim”*. O casal se separou e Augusto voltou para a casa dos pais: *“É o primeiro lugar que tu pensa, tu tá precisando de apoio também, o primeiro lugar que tu pensa é a tua casa”*.

- Mateus, 19 anos, está no segundo anos de direito na UFPel. Atualmente não está trabalhando para se dedicar mais à universidade. Já trabalhou atrás do balcão no restaurante dos pais, também na produção de festas e como vendedor. Mora com os pais e o irmão mais velho. Namora Marta há dois anos, ela trabalha e estuda. Foram colegas de ensino médio em uma escola particular e começaram a namorar no terceiro ano. Esta é a sua primeira relação séria: *“Agora, tem sentimentos, tem compromisso, se importar com a outra pessoa, ter projetos, é completamente diferente”*. Mateus se iniciou aos 13 anos com uma prostituta, levado pelos colegas do tênis. Ele e a namorada mantêm relações sexuais. No início da relação usaram camisinha, depois fizeram exame de sangue e ela começou a usar pílula. Pretende terminar o curso de direito e abrir um escritório de advocacia. Planos de casamento, só depois de atingir uma estabilidade financeira.

- Roger, 21 anos, desistiu de cursar informática e, no segundo semestre (2003), também largou administração de empresas. Prestou vestibular para educação física na Universidade Federal de Pelotas, mas não passou. Atualmente não está trabalhando nem estudando: *“tô parado”*. Namora Renata, 18 anos, há um ano e sete meses: *“fico na volta”*. Diz estar mais *“sossegado”*, não ser mais tão ciumento: *“não tenho muita preocupação de andar na rua, se tão olhando a tua mulher. Coisa que eu não tinha antes”*. Aos 17 anos namorou uma jovem de 15 anos, ela engravidou. O casal decidiu fazer um aborto: *“Foi difícil, nós era novo. Na família dela, a mãe dela tinha tido as filhas tudo nova, também. E, ela já tinha ouvido a*

mãe falar várias vezes de se prevenir, esse tipo de coisas. Porém eles não deixavam ela se prevenir para não ter relação, porque ela era muito nova. Foi isso que ... usou camisinha ... depois ela começou a usar pílula e nesse meio tempo, ela engravidou. Daí a gente sentou para conversar com os meus pais e aí chegamos à conclusão, eu e ela, de que a gente deveria tirar. Aí fizemos aborto". Este relacionamento durou um ano e quatro meses. Diz ter relacionamentos sempre com mulheres mais novas. Pretende voltar a estudar, fazer educação física, voltar a trabalhar na empresa do pai, para em um prazo de dois anos, sair da casa dos pais. Não pretende casar cedo pois tem, em casa, o exemplo do irmão.

- Rafael, 25 anos, terminou o ensino médio e ingressou no curso de engenharia eletrônica em uma universidade particular, apesar de não gostar de estudar. Neste período só estudava. Considera que sua vida não mudou muito dos 19 aos 24 anos. As mudanças se deram com a separação dos pais e o recasamento do pai, quando este cortou o pagamento da universidade. Rafael mora com a mãe e a irmã. Deve trabalhar para ajudar em casa, atualmente toca em festas. Disse ter experiência de ser solteiro.

- Gilberto, 26 anos, não concluiu o curso de química no CEFET, finalizou as três disciplinas que faltaram no supletivo. Diz que estudou no CEFET e prestou três vestibulares para a universidade federal por imposição do pai. Gilberto resolve, então, fazer vestibular para comunicação social e jornalismo em uma universidade privada: *"Eu sempre quis fazer o que eu faço hoje".* Os pais se separaram há dois anos, a família passa por um declínio financeiro. Gilberto mora com a mãe e as duas irmãs. Teve dois namoros sérios, hoje só fica, *"hoje eu traio".* Sobre seus relacionamentos homossexuais: *"Eu acho hiper natural, hiper normal. Senti vontade, fui e fiquei".* Tem como projeto trabalhar muito, ser um bom profissional se estabelecer na área: *"Eu dava mais bola pra esse lado (das relações amorosas) antigamente, hoje em dia eu não dou mais tanto."*

• Lucio, 26 anos, mora com a família de uma prima da mãe – composta ainda pelo marido e dois filhos – e cursa enfermagem na UFPel. Os pais se separaram quando o rapaz tinha sete anos, a partir de então, vivia com a mãe e os irmãos. Com o recasamento da mãe e o casamento dos irmãos, foi morar com parentes. Fez cursinho pré-vestibular e ingressou em agronomia na Universidade Federal, mas o objetivo era cursar enfermagem porque considera bom o salário e o mercado de trabalho. No colégio, *“a gente ficava com as gurias, mas era tudo coisa rápida”*. Com 17 anos teve uma grande paixão, mas a relação durou pouco. Aos 19, namorou Laura por dois anos e meio. Ela estudava no CEFET e depois de formada conseguiu emprego fora de Pelotas. Segundo Lucio, ela sempre o incentivou a continuar estudando. Aos 22, namorou Livia por um ano, mas terminou por não querer assumir um relacionamento sério. Tem como projetos, terminar a faculdade de enfermagem e fazer mestrado na área, diz já estar se preparando para isto: *“O Meu dia a dia é em cima dos cadernos, estudando. Eu praticamente não faço mais nada a não ser estudar”*.

Dos dez rapazes investigados, metade deles, saiu da casa da família de origem. Destes cinco, somente Eduardo, foi motivado por sua profissionalização no futebol. Num primeiro momento os pais o acompanham e vão morar com ele em Porto Alegre. Mas, as mudanças de clube e, conseqüentemente de cidade, ocasionam o retorno de seus pais para Pelotas. Tais deslocamentos dificultam a continuidade dos estudos, muito embora Eduardo pretenda cursar educação física. Os períodos de festa e de namoro oscilam, estando subordinados à carreira de jogador.

Já Ricardo, Sérgio, Danilo e Augusto vincularam esta saída a uma relação. Na trajetória de Ricardo, o casamento ocorre em decorrência da gravidez da namorada. A constituição da família de procriação marca as descontinuidades com relação aos projetos da adolescência, o rapaz interrompe o curso de engenharia civil e vai gerenciar a loja da família. Não pensa mais em ser engenheiro. As

mudanças de vida decorrem do aumento de responsabilidade com relação à família de procriação, a paternidade foi o fator de mudança. A preocupação em prover o filho, guarda relações com o assumir o papel de homem. As constantes separações, o retorno sucessivo para a casa dos pais, a apresentação das namoradas para a família é justificado como necessidade de *liberdade* também própria do masculino. Considera que *curtiu pouco*, planejava se casar aos 40 anos de idade.

Já Sérgio imputa à relação com Silvana seu *crescimento, estar adquirindo*, hoje em dia está mais caseiro o que possibilita maior tranquilidade para investir na formação e carreira. Na casa da mãe gozava de total liberdade, mas a vida de solteiro é muito dispendiosa. Na época da adolescência vivia no ritmo das festas que concorriam com os relacionamentos mais duradouros. A rede de amigos diminuiu muito, na convivência diária conta com a mulher, a sogra, a mãe, a irmã e um primo. Pretende terminar a faculdade, crescer dentro da empresa e formalizar o casamento.

Danilo inicia sua relação na casa da sogra, também para acompanhá-la no tratamento de saúde. Ambos trabalham e, alcançada certa independência financeira o casal busca autonomia residencial. A relação se vincula aos projetos de formação e de profissionalização de ambos, no interior de uma lógica da fusão das individualidades. Danilo se inicia sexualmente com a esposa.

O ingresso no mercado de trabalho como técnico em eletrônica demonstra para Augusto a necessidade de continuar os estudos, ingressar na universidade. O casamento de um ano finaliza uma relação que durou sete, contando o período de namoro e de noivado. Com a separação, volta a morar na casa dos pais e retoma a rotina de solteiro, ao contato com os amigos, que diminuiu com as responsabilidades de casado. A liberdade da vida de solteiro é recuperada e, *com relação às mulheres tudo é rápido*, não pretende ter um relacionamento sério tão cedo. Preocupa-se em se dedicar ao curso de engenharia elétrica, pois considera que ao se formar

com 29 ou 30 anos, estará velho para ingressar no mercado de trabalho.

A permanência na casa dos pais decorre do investimento nos estudos. A autonomia da vida sentimental é acompanhada da dependência financeira do rapaz em relação à família de origem, são os casos de Mateus e Roger.

Nas trajetórias de Rafael, Gilberto e Lúcio, o prolongamento da juventude como uma etapa de formação intelectual está ameaçada com o declínio econômico da família, em função da separação dos pais. De outra parte, Rafael demonstra uma continuidade com relação ao *tempo da adolescência* que corresponde à experiência de ser solteiro. Já Gilberto viabiliza seu cotidiano realizando estágios na sua área de formação. Mantém a família alheia a sua vida afetiva/sexual. E, Lucio que recorreu a rede de relações familiares, mantém-se trabalhando no negócio do irmão, mesmo não sendo na área de sua formação.

Considerações finais

Os jovens investem na sensibilidade como uma forma de construção de si, de *amadurecimento*.

A relação estreita das filhas com a família de origem reveste de ambiguidades o processo de autonomia da jovem. Ao mesmo tempo em que desejam experimentar um relacionamento sem as intromissões de pai e mãe, subordinam-se aos valores da família de origem.

Nas trajetórias femininas, a busca da independência financeira abre a possibilidade da jovem não trabalhar na sua área de formação, inserindo-se no mercado de trabalho contando com a ajuda de parentes.

Já os rapazes, quando vinculam a saída da casa dos pais a um relacionamento afetivo/sexual, orientam-se pela ética do provedor. Para eles a passagem das idades trata de contrastar as vidas de solteiro e de casado, os valores de liberdade e de responsabilidade.

Os jovens que permanecem em casa investem na continuidade dos estudos e, buscam trabalhar na sua área de formação, investindo no projeto de reprodução social das condições de vida.

Observa-se o quanto a passagem do tempo impõe a reciprocidade entre gerações no interior da família, dinâmica que revela as diferenças de gênero em face ao processo de envelhecimento dos pais destes jovens. Assim, enquanto as jovens investem na sensibilidade, orientam-se pela relação com a família de origem. Já os rapazes, situam-se na lógica do provedor, orientando-se para a família de procriação.

Bibliografia

- ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- BÉRIA, Jorge. *Ficar, transar...: a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 1998.
- BOZON, Michel. "Des rites de passage aux 'premières fois: socio-ethnologie des rites de la jeunesse en France." In: DESDOUITS, A M e TURGEON, L. *Ethnologies Francophones de l'Amérique et d'Ailleurs*. l'Université Laval, 1997.
- CAILLE, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DUARTE, Luiz Fernando D. "Horizontes do Indivíduo e da Ética no Crepúsculo da Família." In: RIBEIRO, I. (org.)

- Família e Sociedade Brasileira: Desafios nos Processos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994.
- DUARTE, Luiz Fernando D. "*O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna.*" In: HEILBORN, Maria. Luiza. (org.) *Sexualidade: o Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. *Estudos de gênero do Brasil: 1975-1995*. In: Seminário ANPOCS – Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas. São Pedro, SP, nov. 1998.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- PRADO, Rosane. M. "*Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoaalidade*" Cadernos de Antropologia e Imagem: Cidade em Imagens. Rio de Janeiro: UERJ / NAI, 1997. N. 4
- RIETH, Flávia. *Sexo, Amor e Moralidade: a iniciação na juventude de mulheres e homens, Pelotas* (RS). Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2000. Tese de Doutorado.
- SALEM, Tânia. *O Velho e o Novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

Recebido em: 04/12/2006

Aprovado em: 27/08/2007

Publicado em: 03/10/2007